

DESVELANDO O JOGO DA AVALIAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

MARIA ANGELA DOS SANTOS¹

“...muitas vezes é assim: você vai fazer uma prova, aí o professor resolve dar um exercício que você nunca ouviu na vida. Por que o professor quando está explicando a matéria não dá um exercício assim?...”

*“...tem professor que mesmo durante a aula ele fala: “– vocês vão ver na hora da prova” ou: “vocês estão estudando? A prova vai ser difícil, eu vou “ferrar” na prova. “Daí chega perto da prova e a classe entra em pânico.”**

No desempenho da função de Orientadora Educacional, tenho a possibilidade de ouvir as queixas dos alunos com relação aos momentos de avaliação vivenciados por eles durante o processo escolar. As falas dos alunos foram motivadoras para que eu desenvolvesse um estudo a respeito das relações professor–aluno nas situações de avaliação. Assim, este artigo pretende uma reflexão a respeito destas relações, bem como desvelar o jogo de poder reforçado a cada situação de avaliação. Mais ainda, propõe o repensar o processo ensino-aprendizagem-avaliação.

A existência de sentimentos negativos nas situações de avaliação foram claramente descritas pelos alunos, para os quais a avaliação assume uma função disciplinadora, uma vez que é utilizada como instrumento de manipulação da informação a ser dada ao aluno (aluno desconhece o que vai ser avaliado)

(*) Fala dos alunos de 2º Grau.

1 Mestre em Psicologia da Educação - PUCSP

Orientadora Educacional – Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

ou, ainda, como ameaça ao comportamento indisciplinar do mesmo ("isto irá cair na prova", "vocês verão no dia da prova"...).

Todos os instrumentos possíveis de avaliação são resumidos num único: **A PROVA**. Salvo em alguns casos, acrescenta-se um trabalho ou um seminário.

A manifestação desses sentimentos negativos nas situações avaliativas podem ocorrer em maior ou menor grau, dependendo de como o professor manipula seu poder, isto é, dependendo de como ocorrem as relações interpessoais entre o professor e os alunos.

Esses sentimentos produzidos são para os alunos impeditivos da obtenção de melhores resultados nas avaliações, porque os leva a esquecerem aquilo que aprenderam durante as aulas, dificultando a realização da prova. Pode-se questionar se esta não seria uma justificativa que os alunos criam para explicar um mau desempenho e que estariam aceitando sem ao menos saber lidar com tal situação. Contudo, é importante afirmar que estes resultados assim contaminados pouco traduzem da avaliação que é realizada, fazendo-nos refletir quanto à confiabilidade dos resultados alcançados. Portanto, não permite sequer questionar ou analisar o processo de ensino que vem sendo desenvolvido.

A prática avaliativa que tem sido usada pela escola demonstra estar completamente desvinculada do ensino. Ela existe apenas para fins burocráticos. É um processo que se encerra em si mesmo, não é revestida num maior conhecimento de si mesmo por parte do aluno. Mais ainda, não reverte em compromisso de seu desenvolvimento como melhoria de aprendizagem, ou melhor, não está permitindo ao aluno a possibilidade de reconhecer suas dificuldades ou ainda suas capacidades.

Assim, a avaliação se apresenta como uma avaliação para repetir "coisas", não para o desenvolvimento do auto-conhecimento do sujeito. É um processo que, como dizem os alunos, depois de efetuado "é assunto que morreu" e só torna a existir no próximo momento de avaliação. Não contribui para a busca de qualidade que a escola tem como propósito alcançar.

Existe um tipo de poder que o professor assume na relação com o aluno em situações de avaliação que é reforçado pelo aluno através de um jogo de parceria onde o aluno desenvolve comportamentos que não são os de autonomia, auto-conhecimento, desenvolvimento, compromisso.

Essa parceria vai ocorrendo nas interações professor-aluno, entendendo esses indivíduos como sujeitos e objetos do conhecimento. Assim, temos um sujeito modificando um objeto e ao mesmo tempo sendo modificado por ele, tornando-se objeto novamente. Nas situações de avaliação, o professor desempenha um tipo de poder sobre o aluno que, ao responder a esse poder, reforça a manutenção do poder do professor e de certa forma ativa um tipo de poder do próprio aluno.

O aluno participa desse jogo de poderes da forma como lhe compete em função de como as regras estão determinadas neste jogo:

JOGO DA AVALIAÇÃO

<i>Participantes:</i>	<i>Preparação para o início da partida:</i>	<i>Objetivo do Jogo:</i>
Um jogador assume o papel de professor enquanto os demais assumem o papel de alunos.	O jogador-professor estará posicionado de forma a poder observar cada um dos jogadores-alunos e estes estarão enfileirados aguardando o início da partida.	O objetivo do jogo está em o jogador-professor testar os conhecimentos dos jogadores-alunos e estes deverão conquistar o maior número de pontos a cada resposta fornecida.

FUNÇÃO DE CADA JOGADOR

Ao professor-jogador cabe:	Ao jogador-aluno cabe:
<ul style="list-style-type: none">- dar uma única prova e um trabalho ao longo de um mês ou bimestre;- não corrigir os trabalhos;- não ter os critérios muito claros para a correção de provas ou trabalhos;- nas áreas da exatas, exigir exatidão nos resultados sem se preocupar com a estratégia de resolução utilizada;- valorizar a nota;- acreditar na aprendizagem por meio de trabalhos em grupo.	<ul style="list-style-type: none">- preparar e utilizar “colas”;- nos trabalhos em grupo, apenas um dos elementos deste grupo faz os trabalhos por todos;- em caso de seminário, não fazer perguntas ao apresentador;- nas questões relacionadas a cálculos, vale pegar a resposta do colega e criar uma resolução qualquer.

Observações:	As regras devem permanecer implícitas. Cabe a cada um dos participantes decorá-las antes do início do jogo a fim de não haver quebra de sigilo. O que significa dizer que não podem ser comentadas.
Final do Jogo:	Fornecidos os números de pontos atingidos, não há possibilidades de discutir mais o assunto. Qualquer solicitação contrária deverá ser bem feita de modo a não torná-la uma ameaça ao próprio jogador.

Segundo Foucault (1979), o poder é uma prática, algo que se exerce, que se efetua e que funciona e, portanto, continua sendo exercido. Não é um objeto de posse, mas uma relação. Também não é sempre exercido com cunho negativo. O poder pode e é positivo à medida que impulsiona a produção, a construção, o desenvolvimento, o crescimento, a criatividade, a transformação.

Assim, enquanto o professor exerce seu poder sobre o aluno, através da avaliação, o aluno exerce seu poder sobre o professor quando se utiliza da cola ou mascara a elaboração de trabalhos. Mais ainda, seu poder é exercido em função de conhecer as falhas praticadas pelo professor em sua prática avaliativa.

O aluno percebe o professor como aquele que esconde os objetivos, os critérios e o que vai ser avaliado. O professor cria, com isso, um conjunto de sentimentos que irão desequilibrar o indivíduo nas situações de avaliação, produzindo insegurança e impedimento o auto-conhecimento.

É a falta de parâmetros que irá impedir que o aluno analise seu próprio comportamento, isto é, seu desempenho nas avaliações.

Essa ação é freqüente, principalmente nas áreas cujo conteúdo envolve cálculos e conceitos matemáticos. O que se tem é o produto pelo produto, o que significa a ênfase dada apenas no resultado final. A precisão dos resultados é fundamental na resolução de problemas; no entanto, a estruturação do pensamento com base na concepção de um conceito matemático acontece de formas diferentes de indivíduo para indivíduo. Assim, tanto quanto a exatidão dos resultados, os procedimentos utilizados para o alcance destes são de igual importância. Não se trata de exigir do professor conhecimentos relativos à construção do pensamento do aluno. Mas, ao menos, perceber a trajetória percorrida pelo aluno na resolução da tarefa, como este se apropriou do conceito e, ainda, se a estrutura de resolução está ou não de acordo com aquelas propostas pelo professor na elaboração dos objetivos.

Não tendo referências de seu desempenho para definir processo de aperfeiçoamento ou melhoria, o aluno cria, então, instrumentos de apoio – a cola, impedindo a avaliação de ultrapassar o caráter burocrático para produção do auto-conhecimento e, portanto, autonomia, desenvolvimento, compromisso.

Neste momento, percebe-se a incoerência no jogo da avaliação. Apesar de o aluno conhecer as regras implícitas do jogo, sai como perdedor quando contaminado pelos sentimentos que são provocados nas situações avaliativas, levando-o ao mau desempenho.

Os alunos são capazes de apresentar pistas de como o processo de avaliação pode ser reorganizado, porém há de se lembrar de que suas sugestões se baseiam mais especificamente em função de suas experiências enquanto sujeitos da avaliação. No entanto, nas propostas dos alunos está nítida a necessidade de parceria no processo ensino-aprendizagem-avaliação. Uma associação não mais de reforço da manifestação do poder do outro, mas uma parceria de colaboração no alcance dos objetivos. Isto é, o aluno ainda manifesta que a avaliação o está ensinando a criar formas de corromper o processo, quer dizer,

“vale tudo na conquista de notas”. Em verdade, o aluno precisa aprender a diagnosticar suas dificuldades, seus conhecimentos. O aluno necessita aprender a traduzir ao professor suas dificuldades, como concebe conceitos, qual a correspondência que estabelece entre o novo conhecimento e as aprendizagens anteriores... etc. Em contra-partida, o professor precisa promover condições para que o aluno traduza seus conhecimentos. É este o sentido desta parceria: uma associação de troca, de interação positiva, de promoção.

Para isso, o processo de avaliação precisa ser concebido por professores e alunos como situações de reflexão e auto-conhecimento, garantindo um retorno aos conceitos e aperfeiçoamento ou reorganizado formas de aprendizagem. A nota a ser concedida como consequência da aprendizagem não é um fim em si mesma. Mais ainda, o professor, através dos resultados da própria avaliação, deve reformular suas estratégias de ensino, facilitar as relações sociais na sala de aula, estabelecer a parceria para não mais necessitar fazer uso autoritário de seu poder e, portanto, não possibilitando a existência de sentimentos negativos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, M.A. - Desvelando o jogo da avaliação entre professor e aluno
- Dissertação de Mestrado - PUC - São Paulo - 1994.